
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

CLARA DOS ANJOS: REFLEXÕES SOBRE GÊNERO, NEGRITUDES E PRECONCEITOS A PARTIR DO ENFOQUE DA ANTROPOLOGIA DO IMAGINÁRIO

Marília Köenig (Faculdade Senac - SC)¹
e Luiza Liene Bressan da Costa (Unibave)²

RESUMO: Este estudo objetiva analisar a personagem feminina Clara dos Anjos, da narrativa homônima de Lima Barreto a partir da teoria do imaginário e também de abordagens sobre negritude e gênero. A narrativa de *Clara dos Anjos* traz à tona as regiões suburbanas do Rio de Janeiro na virada do século XX e revela o papel feminino de submissão, abandono e violência, bem como a exposição vexatória sofrida pela personagem. O propósito do estudo é retratar a forma como a mulher era usada como moeda de troca para acordos matrimoniais, prevalecendo a vontade paterna e marital que sugere a opressão e o lugar subjugado à mulher na sociedade fluminense à época citada. O presente artigo destaca, ainda, a condição de inferioridade à qual a mulher, e neste caso, especificamente, a jovem Clara, é relegada a partir do abandono pelo homem que a seduziu, fomentando o imaginário das narrativas que tangem à exploração da personagem enquanto indivíduo visto como inferior na sociedade carioca de então. Fato este que, por meio de sua literatura ácida, Lima Barreto vai revelar.

PALAVRAS-CHAVE: *Clara dos Anjos*; imaginário; relações de gênero; negritude.

INTRODUÇÃO

Este estudo objetiva analisar a personagem feminina Clara dos Anjos, da obra homônima de Lima Barreto, a partir da teoria do imaginário e de abordagens sobre negritude e gênero. A narrativa de *Clara dos Anjos* traz à tona as regiões suburbanas do Rio de Janeiro na virada do século XX e revela o papel feminino de submissão, abandono e violência, bem como exposição vexatória desta. O propósito do estudo é retratar a forma como a mulher era usada como moeda de troca para acordos ma-

1 – maiam_78@hotmail.com – <http://lattes.cnpq.br/2621465672334722>

2 – luizalbc@yahoo.com.br – <http://lattes.cnpq.br/6385738721254449>

trimoniais, prevalecendo a vontade paterna e marital que sugere a opressão e o lugar na sociedade fluminense à época citada. O presente artigo destaca, ainda, a condição de inferioridade à qual a mulher, e neste caso, especificamente, a jovem Clara, é relegada a partir do abandono pelo homem que a seduziu, fomentando o imaginário das narrativas que tangem à exploração da personagem enquanto indivíduo visto como inferior na sociedade carioca de então. Fato este que, por meio de sua literatura ácida, Lima Barreto vai revelar.

Para Lima Barreto (2011: 2), o escritor lança mão da literatura para explicitamente denunciar a impostura da democracia racial brasileira, valendo-se de uma “literatura militante”, inclusive no que se refere à luta pela expressão” (Ianni 1988: 6), que se opõe a uma escritura esvaziada de sentido, mais preocupada com um vocabulário precioso, tal qual praticada pela grande maioria de seus contemporâneos de letras. As relações de gênero e os preconceitos em torno da personagem aqui aparecem bem marcados, sendo este um dos pontos os quais o presente trabalho vai focar. Pelo conteúdo de sua obra, pode-se afirmar que Lima Barreto “fez sua opção pelos pobres, oprimidos, negros, mulatos e afrodescendentes, denunciando a sociedade hipócrita, a corrupção, o literato empoadado da *Belle époque* e aproveitadores de mulatas ingênuas” (Rangel 2008: 1).

LIMA BARRETO: A NEGRITUDE EM DISCUSSÃO PELO VIÉS DA NARRATIVA LITERÁRIA

Lima (2011) destaca que Lima Barreto começou a trabalhar em “Clara dos Anjos” por volta de 1904, à mesma época em que o escritor estava redigindo o romance *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* (1909) com o desejo de escrever um painel da sociedade escravagista do século XIX. A retomada ocorreu em 1920, quando o esboço de romance foi transformado em conto, publicado em *Histórias e sonhos* (1920).

A modernidade, na capital da República, promove mudanças no modo de viver e até mesmo no modo de ser de seus habitantes. Algo também marcado em Lima Barreto. Veja-se, a seguir, trecho da obra *Clara dos Anjos* (1909) já destacado por Köenig (2008). No referido fragmento, o literato faz uma exímia cartografia do que ocorre no entorno na linha do bonde, no crescente, desordenado e irreversível processo de modernização pelo qual passa o Rio de Janeiro de seus dias. Personifica, ainda, a tristeza que toma conta do cais dos Mineiros, da travessa mal povoada e esquecida pelo governo local. Toma corpo no texto barretiano o transtornado e desigual abismo social que o processo de modernidade em curso começa a arvorar:

Na fisionomia das casas esteriotipam-se as cousas (sic) da nossa história [...] o tráfico de escravos imprimiu ao Valongo e aos morros da Saúde alguma coisa de cubata africana, e a tristeza do cais dos Mineiros é saudade das ricas faluas que não chegam mais de Inhatomirim e da Estrela, pejudadas de mercadorias [...] Hoje, o geólogo de cidades atormenta-se com o aspecto transtornado dos bairros. [...] Ondulações concêntricas a esse núcleo encontram as de outro

próximo, dando nascimento a uma travessa mal povoada, tristonha, esquecida das autoridades municipais, e que vive anarquizadamente, fora de toda a espécie de legislação, a poucas centenas de metros de outras, apertadas num cinto de posturas (Barreto 2012: 47).

No artigo “Pobre, mulata e mulher, a estigmatização de Clara dos Anjos”, Lima (2011: 1) destaca a literatura militante de Lima Barreto como reação à modernização do Rio. O autor declara que:

Em sua prosa fluente, Lima Barreto dá voz à silenciada gente dos subúrbios do Rio de Janeiro, num momento em que a elite carioca – vexada – tentava esconder, qual sujeira, essa população embaixo do tapete, isto é, empurrava-a para os lugares mais recônditos da cidade, com a justificativa da necessidade de modernizar a cidade.

Em “Clara dos Anjos”, o escritor se esmera por descrever minuciosamente o ambiente que caracteriza o subúrbio do Rio de Janeiro. Lima frisa as concepções relativas ao imaginário coletivo do *fin de siècle* em torno do feminino, o qual, dentre outras expressões, manifestava-se no discurso machista e repressor e nas atitudes extremistas tomadas por representantes do dito sexo forte da sociedade, os infratores em questão.

Aqui, a ética da estética de Lima Barreto se manifesta, nos termos de Juremir Machado da Silva, como uma vontade de potência, “a potência simbólica que organiza o social a partir de um imaginário cultural” (2006: 34). Estaria Lima Barreto aqui transcendendo o cenário moderno do Rio da *Belle époque* por, em seu legado, haver considerado mais as relações sociais, no cotidiano, do que a política editorial e os padrões literários de seus dias.

A obra de Lima Barreto compõe o que Maffesoli, destaca Silva (2006: 34), denomina potência (força, magma criativo e irrefreável), a qual se contrapõe fortemente ao conceito de poder, que corresponde à dominação (cara à modernidade por seus mecanismos de vigilância e punição discutidos por Foucault). E é justamente pela potência, comenta Silva (2006), que Maffesoli acredita que o social se estruture. Por ela, a força imaginal do estar-junto procura uma via para se expressar, a qual esteja “fora de todos os caminhos balizados pelo racionalismo da modernidade, sempre mantendo a exigência ética básica de toda sociedade, aprendendo a viver, saindo de si, com o *outro*” (Silva 2006: 43, grifo nosso). Lima Barreto, a seu turno, foi rechaçado porque, segundo Silva (2006: 36), “o poder tem aversão à potência”. O poder, cujos representantes eram os cânones da época, tinha horror ao mulato pobre e livre e suas ácidas letras, à sua vontade de potência.

No contexto da Literatura da *Belle époque*, para Ianni,

Vai ser Lima Barreto o escritor mais emocionalmente marcado pelo estigma de ser afrodescendente, deixando transparecer tanto em suas obras quanto

na sua própria existência, seu mal-estar diante de uma sociedade recém-saída da chaga da escravidão, ainda mantendo velhas práticas extremamente preconceituosas contra os ex-cativos. Em conflito com este estado de coisas, o escritor lança mão da literatura para explicitamente denunciar a impostura da democracia racial brasileira, valendo-se de uma “literatura militante”, inclusive no que se refere à luta pela expressão. (1988: 6)

O autor apresenta a questão do racismo permeada pelas questões da classe social e do gênero; desvelando a condição social da mulher negra e moradora das periferias, numa sociedade machista e patriarcal, bem como a difícil situação em que viviam as camadas populares na sociedade brasileira. A protagonista de “Clara dos Anjos” personifica uma moça negra tipo ideal de Weber (Lima 2011) que “orçava pelos dezesseis anos”, oriunda do proletariado do subúrbio carioca.

Ainda em torno da questão do estereótipo, para Bhabha (2008: 76), de acordo com a visão colonial (da qual Lima Barreto é um crítico contumaz), o negro permanece deslocado na sociedade, mesmo após o movimento da abolição:

A presença negra atravessa a narrativa representativa do conceito de pessoa ocidental: seu passado amarrado a traiçoeiros estereótipos de primitivismo e degeneração não produzirá uma história de progresso civil, um espaço para o *Socius*; seu presente, desmembrado e deslocado, não conterà a imagem de identidade que é questionada na dialética mente/corpo e resolvida na epistemologia da aparência e realidade. Os olhos do homem branco destroçam o corpo do homem negro e nesse ato de violência epistemológica seu próprio quadro de referência é transgredido, seu campo de visão perturbado.

A obra traz também uma visão anti-estereótipo do negro como ser hipersexualizado ou “bestial” (Bhabha 2008: 105), reforçando o caráter passivo, sonhador e inocente da jovem Clara. Na Literatura brasileira, a importância de *Clara dos Anjos* se dá pelo fato de este ser o primeiro romance a trazer os dramas da personagem feminina pertencente ao mais distante dos círculos concêntricos que envolvem o núcleo,

de que a circunstância de ser mulher inseria-a automaticamente na esfera da nebulosa, obedecendo à rígida hierarquia desse conceito que permite apenas ao homem ocupar o centro. A protagonista dessa obra apresenta-se triplamente marcada pelo pertencimento à esfera da nebulosa, por ser mulher, ser mulata e ser pobre. (Lima 2011: 2)

A temática de *Clara dos Anjos* centra-se no preconceito de cor e no drama íntimo da protagonista que, na expectativa de um casamento que não acontece, deixa-se seduzir por um moço inescrupuloso. Grávida e abandonada, ao procurar a família do rapaz ela acaba sendo humilhada por sua condição. Segundo José Ramos Tinhorão, a história de Clara busca ressaltar “o problema do tradicional desrespeito sexual por parte dos homens das classes economicamente mais elevadas em relação às moças

do povo principalmente as negras e mulatas”, dessa maneira, a fim de “acentuar o caráter odioso da sedução se seu autor fosse branco e de condição social superior à da personagem” (2000: 35).

O papel desta na trama é o de “instrumento de crítica à hipocrisia da sociedade brasileira, que insistia, anos depois da abolição, em manter no corpo da mulher de cor as sevícias que os senhores brancos perpetraram durante a vigência da instituição do cativo contra suas escravas” (Lima 2011: 2). Mesmo após o advento da República e da abolição, a supremacia dos “nhonhôs” brancos sobre as negras e mulatas de classe mais baixa permanecia evidente.

A seu turno, observa-se que Cassi procura, de modo ostensivo, aproximar-se de Clara, com o único objetivo de obter satisfação sexual, ou seja, “seu sentimento ficava reduzido ao mais simples elemento do Amor – a posse. Obtida esta, bem cedo se enfarava, desprezava a vítima, com a qual não sentia mais nenhuma ligação especial” (Barreto 2017: s/p.). A Literatura de Lima Barreto reflete:

o abandono, o sofrimento e a ausência de perspectivas dessa camada proletária, também estigmatizada etnicamente, no momento em que as elites que se assenhoraram do poder andavam namorando as ideologias racistas europeias, dando livre curso ao acirramento do preconceito racial e social contra negros e mestiços, estes mudados pela lei de 13 de maio da condição de escravos para homens livres, todavia, sem o reconhecimento da sociedade de sua nova condição de cidadãos, em decorrência da estreiteza mental produzida pelos quase quatrocentos anos de cativo. (Lima 2011: 3)

Clara pressupõe que o jovem violeiro – aparentemente cheio de méritos, delicado e modesto – seja a representação exata do homem que pode retirá-la do ambiente em que vive, ainda mais por ser o rapaz branco e presumidamente relacionar-se com coronéis, políticos, doutores – representantes da nata da sociedade – o que representa à jovem uma espécie de conquista de um *status* superior em relação ao meio no qual ela circula. E se, por um instante, por força das raras observações que certamente havia feito, a dúvida lhe sobrevém – “ele era branco; e ela, mulata” (Barreto 2017: s/p), Cassi prossegue criando artimanhas para possuí-la e descartá-la.

IMAGINÁRIO, NEGRITUDE E RELAÇÕES DE GÊNERO: REFLEXÕES

Começamos nossas reflexões acerca das relações entre imaginário, negritude e gênero a partir de Gilberto Freyre, porque a personagem barretiana Clara dos Anjos expressa essa condição como mulher, negra e objeto. A narrativa de Lima Barreto põe em cena a mulher suburbana e negra que vê no matrimônio a possibilidade de emergir de sua condição de inferioridade:

Afirmar que a mulher morena tem sido a preferida dos portugueses para o amor, pelo menos para o amor físico. A moda da mulher loura, limitada aliás às classes altas, terá sido antes a repercussão de influências exteriores do que a expressão de genuíno gosto nacional. Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: “branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”. (Freyre 2000: 84-85)

À época da escrita da narrativa, a mulher não tinha profissão, não trabalhava fora do lar. Era criada e educada para os trabalhos domésticos e para servir ao esposo:

A ideologia que a mulher só se realizava no matrimônio fazia com que ela, mesmo desfrutando de alguma independência ao exercer certas atividades, abdicasse deste privilégio para tornar-se prisioneira do marido e do lar. Pressões sociais levavam-na a preferir ser definida em função dele, e não de si própria. Esta situação de dependência total perdurou até bem pouco tempo. Era comum a mulher trabalhar enquanto solteira, mas, logo que arranjasse marido, largava o emprego para cuidar da casa e dos filhos. E não raro o fazia por imposição de seu novo dono. (Vasconcellos 1999: 98)

Por esse viés, foi forjado o imaginário feminino da mulher negra em nosso país e que na maior parte dos estágios evolutivos do mito e todos os seus desdobramentos na literatura ocidental ocorrem no interior de um sistema dito patriarcal, isto é, de dominação masculina. Essa trajetória não é diferente em Clara dos Anjos.

Também Gaston Bachelard e Gilbert Durand compreendiam que a dinâmica do imaginário tem uma base emocional. Em Bachelard, temos a compreensão de que todo pensamento e atividade da imaginação estava uma emoção, que ele traduzia como uma percepção subjetiva da atividade material do corpo na manipulação dos objetos do mundo. O sujeito masculino se associa à força, à dominação, liga-se ao regime diurno das imagens, apresentando a posição heroica de quem empunha a espada. Os símbolos ascensionais representam a vontade da conquista sobre o elemento natural, o esforço do espírito para elevar-se sobre a animalidade e a temporalidade que destrói a existência física. “Poder-se-ia dizer que neste estádio há conquista de uma segurança metafísica e olímpica”, conclui Durand (2012: 145).

Cabe aqui fazermos algumas considerações sobre os regimes diurno e noturno da imagem, conforme Durand (2012). Ele sustenta uma abordagem às imagens a partir da identificação de significados concernentes às próprias imagens (Abella & Rafaelli 2012), recorrentes em diferentes culturas e épocas. Tais imagens são categorizadas em duas estruturas chamadas de regimes diurno e noturno, que não são “agrupamentos rígidos de formas imutáveis” (Durand 2012: 64), embora o regime diurno tenda a excluir o noturno, e a cultura ocidental tenha predominantemente enfatizado o primeiro (Abella & Rafaelli 2012: 229). Assim, segundo os autores, as imagens que podem ser compreendidas como pertencentes ao Regime Diurno “representam ideias

como verticalidade, ascensão, heroísmo, iluminação, poder paterno, masculinidade, racionalidade, ação, agressividade, dominação, objetividade, exibição, liberdade”.

Assim, segundo Gilbert Durand, o aspecto diurno do imaginário é caracterizado por ideias que remetem à clareza, à razão e à objetividade. Tal regime do imaginário costuma manifestar-se “representado por símbolos de purificação, desfeminização, separação, mais especificamente por meio da representação de: cabeças, dentes, céu, fogo, rei, guerreiro, cavalo, pássaros, animais ferozes – principalmente lobo e leão –, entre outros” (Abella & Rafaelli 2012: 230).

Já no Regime Noturno da imagem:

as imagens são concernentes a ideias de descida, trevas, profundidade, o materno e eterno feminino, nutrição, refúgio, repouso, intimidade, transformação, regeneração, eterno retorno, devir. Sendo que o aspecto noturno do imaginário é caracterizado pela subjetividade, o feminino, obscuridade, representado muitas vezes pelas imagens: noite, sombras, monstros, abismo, águas profundas, serpentes, natureza, terra, alimentos, vegetais, flores, árvores, grãos, crustáceos, répteis, lagartos, batráquios, peixes, cordeiro, entre outros. (Abella & Rafaelli 2012: 230)

No viés dessa atitude verticalizada, está o feminino expresso pelos símbolos da imanência que precisam ser vencidos são, por outro lado, concebidos como formas do feminino: “É a feminilidade terrível, a libido destruidora [...] que é aqui exorcizada pela reconquista dos símbolos da virilidade. O pensamento toma um estilo heroico e viril desde o ato guerreiro ou o feito cinegético” (Durand 2012: 144).

Compreendamos, assim, que nestas antíteses entre masculino/feminino; força/fra-
gilidade; bem/mal se estabelecem os conflitos de gênero, constituindo o imaginário de dominação do homem sobre a mulher, tal como percebemos em Clara dos Anjos.

CLARA DOS ANJOS, UMA ANÁLISE À LUZ DO IMAGINÁRIO

A citação abaixo transcrita destaca o caráter ingênuo e passivo da protagonista, à qual fará falta, em certa altura da narrativa, conhecer um pouco mais da natureza humana. A temática de “Clara dos Anjos” centra-se justamente no preconceito de cor e no drama íntimo da protagonista que, na expectativa de um casamento que não acontece, deixa-se seduzir por um moço inescrupuloso (Lima 2011):

Eram casados há quase vinte anos, e esta Clara, sua filha, sendo o segundo filho do casal, orçava pelos seus dezessete anos. Era tratada pelos pais com muito desvelo, recato e carinho; e, a não ser com a mãe ou pai, só saía com Dona Margarida, uma viúva muito séria, que morava nas vizinhanças e ensinava a Clara bordados e costuras. (Barreto 2017: s/p)

No trecho a seguir, o padrinho de Clara se opõe ao contato entre o violeiro e a afilhada, manifestando sua reprovação à abertura da casa da família Dos Anjos ao rapaz de caráter duvidoso. Cassi é retratado por Lima Barreto como um tipo conquistador, afeito a seduzir moças inocentes com sua lábia e seu violão:

– É o Cassi. A menina... O guarda das obras públicas não pôde acabar a frase. Marramaque interrompeu-o furioso: – [...] É um sujeito que não pode entrar em casa de família. Na minha, pelo menos... – Por quê? – indagou o dono da casa. – Eu direi, daqui a pouco; eu direi por quê – fez Marramaque transtornado. (Barreto 2017: s/p)

A seguir, Lima Barreto descreve Cassi Jones:

Cassi Jones de Azevedo era filho legítimo de Manuel Borges de Azevedo e Salustiana Baeta de Azevedo. O Jones é que ninguém sabia onde ele o fora buscar, mas usava-o, desde os vinte e um anos, talvez, conforme explicavam alguns, por achar bonito o apelido inglês. (2017: s/p).

Protegido pela mãe, Cassi seguia impune após explorar moças inocentes como Clara. Esta, por sua vez, era um tanto ingênua quanto à malícia de homens como Cassi:

Habituada às musicatas do pai e dos amigos, crescera cheia de vapores de modinhas e enfumaçara a sua pequena alma de rapariga pobre e de cor com os dengues e o simplório sentimentalismo amoroso dos descantes e cantarolas populares [...] Com esse estado de espírito, o seu anseio era que o pai consentisse na visita do famoso violeiro, cuja má fama ela não conhecia nem suspeitava, devido ao cerco desvelado que a mãe lhe punha à vida; Clara não ocultava o seu desapontamento; e uma de suas colegas lhe dizia em confidência: —Clara, toma cuidado. Este homem não presta. (Barreto 2017: s/p)

Até ali, não se falara a Clara em questões relativas à malícia masculina, de modo geral, e, “repinicando as cordas do violão, não deixava o famoso mestre violeiro de devorar sorratamente com o olhar lascivo os bamboleios de quadris de Clara, quando dançava” (Barreto 2017: s/p). Ali se firmava a intenção de Cassi Jones em seduzir Clara dos Anjos. Para tanto, se esmerava ao violão nas maliciosas modinhas, as quais:

Falam muito de amor, algumas delas são lúbricas até; e ela, aos poucos, foi organizando uma teoria do amor, com os descantes do pai e de seus amigos. O amor tudo pode, para ele não há obstáculos de raça, de fortuna, de condição; ele vence, com ou sem pretor, zomba da Igreja e da Fortuna, e o estado amoroso é

a maior delícia da nossa existência, que se deve procurar gozá-lo e sofrê-lo, seja como for. O martírio até dá-lhe mais requinte... (Barreto 2017: s/p)

Tudo contribuiu para que a personagem tivesse seu caráter amolecido ante a má-lícia de Cassi Jones, o qual fingiu amor para conseguir mais uma conquista, como as várias que a sua condição, vista como superior à das moças com quem se envolvia, permitia. Clara, no decorrer da trama, segue duvidando se o que dizem de Cassi é verdade, já que está por ele apaixonada:

Como ele poderia ser tanta coisa ruim, se frequentava casas de doutores, de coronéis, de políticos? Naturalmente havia nisso muita inveja dos méritos do rapaz, em que ela não via senão delicadeza e modéstia e, também, os suspiros e os dengues de violeiro consumado. Uma dúvida lhe veio; ele era branco; e ela, mulata. Mas que tinha isso? Havia tantos casos... Lembra-se de alguns... E ela estava tão convencida de haver uma paixão sincera no valdevinos, que, ao fazer esse inquérito, já recolhida, ofegava, suspirava, chorava; e os seus seios duros quase estouravam de virgindade e ansiedade de amar. (Barreto 2017: s/p).

A citação a seguir pontua o caráter de Clara dos Anjos:

E ela vivia toda entregue a um sonho lânguido de modinhas e descantes, entoadas por sestrosos cantores, como o tal Cassi [...] O mundo se lhe representava como povoado de suas dúvidas, de queixumes de viola, a suspirar amor. Na sua cabeça, não entrava que a nossa vida tem muito de sério, de responsabilidade, qualquer que seja a nossa condição e o nosso sexo (Barreto 2017: s/p).

Sobre as suspeitas que recaíam sobre Cassi, ela conjectura: “Ele tinha feito isto e aquilo; mas – interrogava ela – quem diria que ele fizesse o mesmo em casa de seu pai? É porque ele se deixou apanhar, enquanto outros há por aí que... Ele confessa que está arrependido do que fez, e agora quer se empregar e casar-se comigo” (Barreto 2017: s/p), ilude-se.

Aos poucos, Clara passa a conhecer a natureza de Cassi, ainda que, até o momento em que se vê definitivamente abandonada por ele, a protagonista siga confiando nele:

Por aí e por outras pequenas circunstâncias, atribuía a Cassi o assassinato do padrinho e como que se julgava também sua cúmplice. Veio-lhe um medo daquele cantador meloso, dengoso, apesar de seu mau olhar de folhas-de-flandres; e, num relâmpago, viu bem quanto de fingido e falso podiam conter as suas cartas ternas e cheias de protestos de boas intenções e de amor sincero e honesto [...] Então, nessa ocasião, ela avaliaria o grau de certeza de suas suspeitas. (Barreto 2017: s/p)

A essa altura da obra, Clara dá-se conta de que pode ter sido abandonada por Cassi Jones:

Se ele a abandonasse — o que seria dela? [...] Ela afastou a convicção e perdeu o terror que ele começara a lhe inspirar. A sua débil inteligência, a sua falta de experiência e conhecimento da vida, aliado tudo isto à forte inclinação que tinha e não sopitava pelo violeiro, agiram sobre a sua consciência, de forma a inocentar, a seus olhos, o tocador de violão, no caso da morte misteriosa do padrinho. Praxedes saía e Clara, logo que pôde, correu ao quarto para chorar. Estava irremediavelmente perdida; ele a abandonava de vez. Como havia de ser? Como havia de esconder a gravidez, que se ia mostrando aos poucos? Que fariam dela os seus pais? Era atroz o seu destino! (Barreto 2017: s/p)

Clara então se deparou com a verdade sobre Cassi: ele a enganara, e certamente era o culpado da morte do padrinho dela, Marramaque. Acerca do sentimento que se apossa da jovem nesse momento, Lima faz algumas considerações que citamos a seguir:

Além disso, mesmo sentindo um grande complexo de inferioridade, a pobre moça aposta na própria virgindade para tentar galgar os degraus de um mundo de valores brancos e burgueses, supondo que Cassi represente os valores da metrópole higienizada e embranquecida, suficientemente branqueadores para apagar as nódoas de sua raça e de sua miséria econômica e social (Lima 2011: 6)

Lima Barreto pontua, ainda, o modo como a ingenuidade de Clara fez com que ela fosse tão facilmente ludibriada pelo violeiro Cassi Jones. Nesse contexto, a cor e a condição social são entendidos pela jovem Clara dos Anjos como os fatores causadores de sua desdita:

A inocência dela, a sua simplicidade de vida, a sua boa fé, e o seu ardor juvenil tinham-na completamente cegado. Era mesmo o que diziam... Por que a escolhera? Porque era pobre e, além de pobre, mulata. Seu desgraçado padrinho tinha razão... Fora Cassi quem o matara [...] Que havia de ser dela, agora, desonrada, vexada diante de todos, com aquela nódoa indelével na vida? (Barreto 2017: s/p)

A condição de inferioridade à qual a mulher, e neste caso, especificamente, a jovem Clara, é relegada a partir do abandono pelo homem que a seduziu, fomentam o imaginário das narrativas que tangem à exploração da personagem enquanto indivíduo visto como inferior na sociedade carioca de então. Fato esse que, por meio de sua literatura ácida, Lima Barreto revela. Em torno das questões de gênero e raça, na obra, Clara é estigmatizada por ser, ao mesmo tempo, mulher, negra e pobre, o que com fortes tintas Lima Barreto descreve a filha do modesto carteiro suburbano Joaquim.

Lima Barreto carrega nas tintas ao criar Cassi Jones, um moço de família pequeno-burguesa, pintado com todas as más qualidades possíveis, evidenciando, em chave antitética, a aviltada e ingênua Clara, cujo papel na trama é o de instrumento de crítica à hipocrisia da sociedade brasileira, que insistia, anos depois da abolição, em manter no corpo da mulher de cor as sevícias que os senhores brancos perpetraram durante a vigência da instituição do cativoiro contra suas escravas. (Lima 2011: 2)

Ao visitar a casa de Cassi para comunicar sua gravidez e pedir providências, Clara é ofendida pela mãe do rapaz, apelando para o pai que responde não poder fazer nada por ela:

Minha filha, eu não te posso fazer nada. Não tenho nenhuma espécie de autoridade sobre “ele”... Já o amaldiçoei...[...] Demais, “ele” fugiu e eu já esperava que essa fuga fosse para esconder mais alguma das suas ignóbeis perversidades [...] Eu, como pai, não o perdôo (sic); mas peço que Deus me perdoe o crime de ser pai de tão horrível homem... Minha filha, tem dó de mim, deste pobre velho, deste amargurado pai, que há dez anos sofre as ignomínias que meu filho espalha por aí, mais do que ele... Não te posso fazer nada... Perdoa-me, minha filha! Cria teu filho e me procura se... (Barreto 2017: s/p)

Aqui a tristeza de Clara fica ainda mais evidente, sendo essa tristeza e ressentimento pela cor e condição social marcas de todo o legado de Lima Barreto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações de gênero e os preconceitos em torno da personagem aqui aparecem bem marcados, constituindo-se em um dos pontos os quais o presente trabalho intentou focar. Pelo conteúdo de sua obra, pode-se afirmar que Lima Barreto “fez sua opção pelos pobres, oprimidos, negros, mulatos e afrodescendentes, denunciando a sociedade hipócrita, a corrupção, o literato empoado da *Belle époque* e aproveitadores de mulatas ingênuas” (Souza 2008: 1).

A obra de Lima Barreto é mediada pelo preconceito que o próprio autor vivenciou, na condição de negro e pobre na sociedade carioca de seus dias. Em *Clara dos Anjos*, as questões relativas ao gênero, à cor e à situação social da personagem trazem à tona o modo de vida daqueles que, na então capital da República, viviam em condições precárias.

Ainda em torno da questão do estereótipo, para Bhabha (2008: 76), de acordo com a visão colonial (da qual Lima Barreto é um crítico contumaz), o negro permanece deslocado na sociedade, mesmo após o movimento da abolição:

A presença negra atravessa a narrativa representativa do conceito de pessoa ocidental: seu passado amarrado a traiçoeiros estereótipos de primitivismo e degeneração não produzirá uma história de progresso civil, um espaço para o Socius; seu presente, desmembrado e deslocado, não conterà a imagem de identidade que é questionada na dialética mente/corpo e resolvida na epistemologia da aparência e realidade.

A trama, como foi visto no referencial teórico deste trabalho, traz também uma visão anti-estereótipo do negro como ser hipersexualizado ou bestial (Bhabha 2008: 105), reforçando o caráter passivo, sonhador e inocente da jovem Clara. O livro expõe ainda o cotidiano das mulheres na obra: “A protagonista dessa obra apresenta-se triplamente marcada pelo pertencimento à esfera da nebulosa, por ser mulher, ser mulata e ser pobre” (Lima 2011: 2). Entretanto, diferentemente de outros textos ficcionais que retrataram figuras femininas, Clara não somente dá título à obra, como também é sua principal heroína, não obstante à desromantização que o ácido tom de Lima Barreto confere à obra.

OBRAS CITADAS

ABELLA, Sandra S. & Rafael Raffaelli. As Estruturas Antropológicas do Imaginário de Gilbert Durand em Cinco Pinturas de Arcimboldo. *Caderno de Pesquisas Interdisciplinares em Ciências Humanas* (Florianópolis), v.13, n. 102, pp. 224-249, jan/jun de 2012.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2060.

BHABHA, Homi P. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. 4. ed. Trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 39. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

IANNI, Octavio. Literatura e consciência. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, (São Paulo), n. 28, pp. 91-99, 1988.

LIMA, Marcos Hidemi de. Pobre, mulata e mulher: a estigmatização de Clara dos Anjos. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/arquivos/autores/limabarreto critica02.pdf>.

MAFFESOLI, Michel. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007.

RANGEL, Tauã Lima Verdán. *Dialogando com Clara dos Anjos: uma análise transdisciplinar da ficção de Lima Barreto*. Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php/fckblank.html?n_lin.

SILVA, Juremir Machado da. O imaginário é uma realidade. Entrevista de M. Maffesoli. *Revista FAMECOS* (Porto Alegre), n. 15, pp. 74-83, agosto de 2001.

SOUZA, Wagner de. Uma leitura da sociedade em Clara dos Anjos. *VIII Seminário Nacional de Literatura, História e Memória*, pp. 01-14, 2008. Disponível em: <http://www.literaturahistoriaememoria.com.br/>.

TINHORÃO, José Ramos. Lima Barreto e os romances de crítica social. *A música popular no romance brasileiro: século XX* (1. parte). v. 2. São Paulo: Editora 34, 2000.

VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.

CLARA DOS ANJOS: REFLECTIONS ON GENDER, BLACKNESS AND PRECONCEPTIONS USING THE IMAGINARY ANTHROPOLOGY APPROACH

ABSTRACT: This study aims to analyze the female character Clara dos Anjos, in Lima Barreto's non-homonymous narrative using the theory of the imaginary and approaches on blackness and gender. The narrative *Clara dos Anjos* brings to light the suburban regions of Rio de Janeiro at the turn of the twentieth century and (re)watches over the feminine role of submission, abandonment and violence, as well as vexatious exposure. The purpose of the study is to portray the way in which women were used as a bargaining chip for marriage agreements, prevailing the paternal and marital will that suggest oppression and the place women were subjugated to in the society of Rio de Janeiro at that time.

KEYWORDS: *Clara dos Anjos*; imaginary; gender relations; blackness.

Recebido em 11 de outubro de 2017; aprovado em 2 de junho de 2018.